



Panorama do rádio em João Pessoa¹

Moacir Barbosa de Sousa²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

As pesquisas sobre o rádio da Paraíba sempre tiveram como obstáculo a dificuldade de obtenção de referências bibliográficas e a insuficiência na coleta de dados empíricos. Necessitava-se, portanto, de estudos mais completos que ajudassem a entender a sua evolução histórico-cultural e os papéis político-sociais que o veículo desempenhou no interior da sociedade paraibana. Como as fontes de pesquisa estão, aos poucos, desaparecendo e deixando grandes lacunas, era urgente a realização de uma pesquisa para analisar, documentar e conduzir à compreensão dessa história.

Palavras-chave: História – Radiodifusão – Política

Introdução

Durante muito tempo, as pesquisas sobre o rádio da Paraíba esbarravam ora na dificuldade de obtenção de referências bibliográficas, ora na insuficiência de dados empíricos coletados, carecendo, portanto, de estudos mais completos que conduzissem ao entendimento da evolução histórico-cultural e dos papéis político-sociais que o veículo desempenhou no interior da sociedade paraibana. A década de 80 foi pródiga no crescimento das concessões de emissoras de radiodifusão, porém continuaram, segundo Ortriwano (1985, p. 09)

[...] escassas as pesquisas, os estudos, as análises, os debates sérios sobre o fenômeno radiofônico. E menor ainda é a quantidade de contribuições práticas visando a melhorar o conteúdo da programação de nossas emissoras e a propor novas alternativas para este meio de comunicação poderoso e mal-aproveitado.

Os trabalhos existentes sobre o rádio paraibano até 2008 são seguintes (excetuando-se trabalhos acadêmicos de conclusão de curso nas diversas escolas superiores do Estado): *50 Anos de Rádio Tabajara* - publicação comemorativa dos 50 anos de fundação da Rádio Tabajara, a mais antiga da Paraíba e cuja história confunde-se com a trajetória do rádio paraibano estudado até aquela época, editada em 1987 sob a coordenação de Nilton Tavares e José Octávio de Arruda Mello; *O Rádio Paraibano em Álbum de Recordações* - espécie de *Revista do Rádio* local, publicada em 1977 por Hayton Santos; *Imprensa e Desenvolvimento no Nordeste* - pesquisa coordenada pelo professor doutor Luiz Custódio da Silva, do curso de Comunicação da UFPB; *A*

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia Sonora, do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor associado 2 do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Influência do Rádio na Dinâmica Cultural das Cantorias do Estado da Paraíba - dissertação de mestrado defendida junto à Universidade Federal Rural de Pernambuco pelo professor Luiz Custódio; *O Sagrado Popular na Cultura de Massa* - dissertação de mestrado do professor Osvaldo Meira Trigueiro, da Universidade Federal da Paraíba; *Educação: conservação e mudança* - dissertação de mestrado defendida no Mestrado em Educação da UFPB por Geovani Soares de Assis, uma análise da proposta de Rádio Educativo da Paraíba, que funcionou através do SIREPA de 1959 a 1967; *Rádio Lúmpen: a vez dos sem voz* - dissertação de mestrado defendida junto ao Mestrado em Biblioteconomia da UFPB pelo professor doutor Antônio Roberto Faustino da Costa; *Janelas da Sedução Cotidiana* - dissertação de mestrado sobre o rádio de Cajazeiras, no sertão paraibano, defendida em 1996 na ECA/USP pelo jornalista e professor Lúcio Sérgio Vilar; *Do Gramofone ao Satélite: evolução do rádio paraibano* – tese de doutorado defendida em 2000 na ECA/USP pelo professor Moacir Barbosa de Sousa; *História da Radiodifusão na Paraíba* – escrita pelo radialista Pereira Nascimento com apoio da Procult, lei de incentivo cultural do estado da Paraíba; *Tabajara 69 anos: a Rádio da Paraíba* – organizado pelo radialista Josélio Carneiro.

Dessa forma, a realização de uma pesquisa para analisar, documentar e conduzir à compreensão da história do rádio da Paraíba era urgente. As fontes, aos poucos, estão desaparecendo, deixando grandes lacunas como, por exemplo, Paulo Rosendo e Antônio Assunção, noticiaristas; Paschoal Carrilho locutor, animador de programas de auditório e, no final de sua carreira, vendedor de espaços publicitários; Fernando Milanez, um dos primeiros locutores da Rádio Tabajara e ex-deputado estadual; Humberto Lucena, locutor da Rádio Tabajara nos tempos da fase áurea do rádio, senador da República envolvido no escândalo da Gráfica do Senado.

1. Os pioneiros

A primeira estação de rádio da Paraíba surgiu entre 1930 e 1931. Para Newton Monteiro, filho de um dos fundadores da Rádio Clube da Paraíba, José Monteiro Gomes de Oliverira, a penetração da Rádio Clube de Pernambuco-PRA-8 na capital paraibana era muito forte. Isso favorecia o comércio recifense, que tinha seus produtos como o sabonete Tabarra e os sabões da firma Alimonda Irmãos disseminados entre os consumidores pessoenses. A fundação da Rádio Clube da Paraíba teria sido uma forma de reagir à hegemonia econômica do vizinho Estado. Em depoimento a Santos (1977, p. 60), Newton Monteiro deu detalhes técnicos acerca da emissora:



Meu pai foi quem montou o transmissor da estação. Ele, em companhia de Jaime Seixas – também radiotécnico – construiu com peças adquiridas aqui e ali, um pequeno transmissor de 10 watts e colocaram no ar a primeira estação de rádio da Paraíba “RADIO CLUBE DA PARAÍBA”. Naquele tempo as válvulas da difusora eram de aquecimento direto, alimentadas, portanto, com corrente contínua de bateria para não dar o ruído de corrente alternada em sua frequência. Lembro-me que, os primeiros rádioreceptores comercializados que na época se usavam, eram do tipo regenerativo e, só depois, é que foram fabricados pela GE os rádios superterodinos, tipo GE K-8.

Participaram também da montagem da emissora Oliver von Shosten, que morou na Inglaterra, e Francisco de Sales Cavalcanti, que depois seria um de seus diretores. Como a lei permitindo a publicidade no rádio só seria promulgada por Getúlio Vargas em 1932, a Rádio Clube, seguindo o modelo das emissoras que surgiam no país, funcionou como uma sociedade onde seus membros contribuíam financeiramente para sua manutenção. Um ano depois de fundada, a associação já tinha mais de 200 participantes. A Rádio Clube da Paraíba instalou-se na Avenida Gouveia Nóbrega, próximo ao Depósito da Prefeitura, perto do Parque Arruda Câmara. Como ainda não havia aparelhos de rádio para recepção dos programas, estes eram irradiados por meio de alto-falantes instalados no centro da capital.³ O transmissor da nova emissora não era potente e os poucos proprietários de receptores precisavam de muita paciência para sintonizar o sinal da Rádio Clube. Alguns desses donos de aparelhos chegaram a destinar salas especiais onde pessoas se reuniam ao redor do radioreceptor. Na Rua Direita, hoje Rua Duque de Caixas, no centro de João Pessoa, havia uma dessas salas. Um alto-falante da Rádio Clube foi instalado na Rua 13 de maio, em frente à casa de Leonís Peixoto, um dos diretores da estação.

Integravam o primitivo grupo de sócios da nova rádio os irmãos de José Monteiro (Manuel, João, Antônio e Pedro) e mais José Olinto, Rosil Pedrosa, Hortência Peixe, Pedro Jaime, Ismael Jorge, Leonís Peixoto, Diógenes Caldas, Maurício Furtado, Olegário de Luna Freire (maestro), Cláudio Lemos, Ariel Farias (fotógrafo), Walfredo Rodriguez (escritor, fotógrafo e cineasta, criador do logotipo ou *escudo* da emissora), Cilaio Ribeiro e Orlando Vasconcelos. Escolhido para dirigir a emissora, Francisco de Sales Cavalcanti procurou dinamizar a programação, tornando-a cultural, conforme relata o jornal *A União* (30 mai. 1935, p. 3):

³ Na pesquisa não foi possível determinar a exatidão da data de chegada dos aparelhos receptores à Paraíba. As informações dos entrevistados eram vagas e divergiam muito. Em 1937, a Casa Monteiro, especializada em artigos elétricos, fez publicar anúncio do radioreceptor Ericsson; é a data mais precisa acerca do assunto.



Promete grande animação a irradiação do Radio Club da Parahyba, no próximo sábado, cuja noitada passou a obedecer a direcção do Sr. Francisco Sales, um dos mais esforçados elementos daquela estação difusora. Sempre interessado pelo progresso do nosso ‘broadcasting’, aquele estimado cavalheiro já está organizando um seieto programma de canto e musica em que tomarão parte todos os radiofilos pessoenses. Para que a estação do Radio Club preencha uma finalidade ainda mais proveitosa e utilitária, o Sr. Francisco Sales conseguiu do professor Sizenando Costa, director interino da Instrucção Primaria, e vindo de encontro ao programa daquele departamento, a designação de professores para realizarem semanalmente, aos sábados, um quarto de hora com palestras sobre assumptos educacionais. Completando essas iniciativas de nobilitante alcance, o conhecido maestro Olegário de Luna Freire, emprestará o seu concurso fazendo irradiar audições dos vários orfeãos escolares da capital.

A primeira transmissão externa realizada na Paraíba (e que a torna pioneira no radiojornalismo) foi feita pela Rádio Clube quando cobriu a presença do Presidente Getúlio Vargas ao Estado. Durante a visita foi inaugurada a Associação Paraibana de Imprensa; acompanhado do Interventor Gratuliano de Brito e outras autoridades, Vargas visitou o Parque Arruda Câmara, de onde ocorreu a transmissão graças aos esforços do técnico José Monteiro, que foi auxiliado pela proximidade do local, vizinho à Rádio Clube, para onde se deslocou a comitiva oficial.

Em dezembro de 1932 a Rádio Clube iniciou a transmissão de aulas de inglês, fazendo publicar no jornal *A União* o roteiro das palavras que foram irradiadas na primeira aula. No dia 6 de janeiro de 1933 foi ao ar a segunda aula. A iniciativa foi pioneira na radiodifusão nacional e por isso Rádio Clube ocupa a vanguarda na experiência do ensino de línguas pelo rádio. A experiência é creditada aos irmãos Oliver e Geraldo von Shosten, que estudaram na Inglaterra.

Em 28 de março de 1933 ocorreu um incêndio no prédio onde estava instalada a emissora e esta se transfere por iniciativa do prefeito Borja Peregrino para as dependências do Depósito Municipal, também na Avenida Gouveia da Nóbrega, do outro lado da rua, perto do prédio sinistrado. *A União* (29 jan. 1934, p.8) publicava a seguinte convocação: “O Dr. Claudio Lemos, vice-presidente do Radio Club, em exercicio, convida todos os socio-diretores quites, de acordo com os estatutos, para comparecerem amanhã às 9 horas, a fim de se procederem as eleições para os cargos de directores Presidente e tesoureiro”.

O jornal oficial da Paraíba criou uma coluna intitulada *Vida Radiofônica*,⁴ comprovando a integração da Rádio Clube à vida cultural de João Pessoa, tendo no irmão impresso um grande auxiliar para sua consolidação dentro da sociedade. O

⁴ A primeira coluna especializada em assuntos de rádio apareceu na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 1922.



jornal, por seu lado, não poupava linhas de notícias e elogios ao novo veículo, considerando-o “talvez a maior força auxiliar do nosso sistema educativo”. Despertando a atenção de uma elite que passou a ter como símbolo de status possuir um aparelho receptor importado entronizado na sala de visitas, a rádio Clube recebe a colaboração de jovens que nela “exercitam sua veia artística”. Outro símbolo de destaque naquela década era apresentar a carteira de sócio da emissora. Egypto (1987, p. 23) faz o seguinte comentário acerca da participação dos jovens no cast da Rádio Clube:

Houve época em que, na nossa juventude, a distância entre um bairro e o centro da cidade, era mais longe do que viajar do Ponto de Cem Réis para **Roliude**. Com essa alegoria pode-se dizer, em troco miúdo, que a ânsia de muitos jovens, de inclinação artística, na década de 40 ou 50 era ouvir a Rádio [...] e, remotamente pertencer ao seu cast.

Com a nomeação de Francisco Sales para a direção da Imprensa Oficial, em 1935, a Rádio Clube muda de instalações, passando a funcionar na Praça João Pessoa, onde se instalariam mais tarde o jornal *A União* e depois a Secretaria de Assuntos Extraordinários, embrião da Secretaria de Comunicação do governo. O jornal oficial do Estado (18 jun. 1935, p. 3) transcreve entrevista realizada pelo *Diário da Manhã*, de Recife, com o diretor Francisco Sales:

[...]

- Estamos informados de que o Rádio Clube vai passar por importante reforma.

- Perfeitamente, e terei muito gosto em transmitir-lhes alguma coisa para o Diário da Manhã, quanto mais que, em Recife, vivem, atualmente, centenas de conterrâneos que necessitam saber como vai a terrinha.

- Em que, então, consiste a reforma.

- Em melhorar a nossa estação transmissora organizando programas especiais e de utilidade, como sejam, a propaganda comercial e divulgação do ensino, como também estabelecer noticiário geral, inclusive atos do governo. A esse respeito, já me entendi com algumas firmas de nossa praça e com o diretor do Ensino Primário, tendo este último já organizado e divulgado o primeiro programa, que obteve o mais franco sucesso.

[...]

O Interventor Argemiro de Figueiredo recebeu de mão beijada a Rádio Club da Paraíba. Depois de entendimentos entre Oliver von Shosten, José Monteiro e Francisco de Sales, o acervo da emissora foi doado para o patrimônio do Estado, sem ônus para os cofres públicos. Francisco de Sales Cavalcanti, último gerente da Rádio Clube, acumula as funções de diretor da Imprensa Oficial e da nova emissora. Argemiro de Figueiredo traça plano visando tornar a Rádio Clube “instrumento de ação governamental voltado para a instrução pública”. Trata-se de mais um reflexo das forças estatizantes do governo central, e que daria origem à criação da primeira estatal



da radiodifusão nordestina. Quando foi inaugurada em 12 de setembro de 1936, quatro meses antes da nova emissora paraibana, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro fazia parte da empresa A Noite. Em 1940 Vargas decidiu tornar a Rádio Nacional “um instrumento de afirmação do regime” e promove a sua encampação (ORTRIWANO, 1985).

As intenções do Interventor Argemiro para com o emergente veículo ficaram claras com os sucessivos anúncios e matérias divulgadas no jornal oficial como, por exemplo, esta do dia 17 de janeiro de 1937, p. 3, de linguagem rebuscada, típica da época, já demonstrando o caminho que deverá seguir a emissora estatal e a apropriação que dela faz o Estado para vender a imagem ideológica:

Dentre os melhoramentos de vulto de agora, na Parahyba, destaca-se a Estação Rádio-Difusora que, no próximo dia vinte e cinco, espalhará pelos países do Continente Sul-Americano, a voz desta terra disciplinada e brava. A função do Rádio, de indiscutível valor, trará para o nosso Estado, vantagens que somente os espíritos progressistas podem, desde logo, aquilatar. E quaes serão estas vantagens? Todas, responderiam, inclusive a maior delas, que é a de tornar público, além das fronteiras do Estado, as iniciativas da administração parahybana que, de João Pessoa para cá, tem produzido uma verdadeira revolução nos costumes, nas atividades, no poder de iniciativa de cada cidadão nascido neste rincão nordestino. Uma estação de radio para a Parahyba é, apesar de não ter custado uma fortuna, o maior presente que se lhe poderia ter dado, benefício comum que ajudará a centuplicar as energias do nosso agricultor, do nosso commerciante, do nosso industrial, emfim, de todos aqueles que constituem a força viva do progresso parahybano.

A ocasião propícia aconteceu na programação de dois anos de governo de Argemiro de Figueiredo, em 25 de janeiro de 1937. Juntamente com o Pavilhão Clifford Beer, no Hospital Colônia Juliano Moreira e mais a Casa do Estudante da Paraíba, dez grupos escolares e o novo município de Serra do Cuité, foram inauguradas as instalações da Radio Difusora da Parahyba na Fazenda São Rafael, onde se encontrava o transmissor. Durante o dia houve desfile de tropas da Polícia Militar da Paraíba, do Esquadrão de Cavalaria e do Corpo de Bombeiros, festa desportiva no Parque Arruda Câmara, onde foram distribuídos bombons entre as crianças e retreta com as bandas de música dos municípios de Santa Rita e Alagoa Grande. O sistema de iluminação pública da Praça João Pessoa foi reforçado e foi também inaugurada nova iluminação na Rua Duque de Caxias.

Homenageando os dois anos da administração Argemiro de Figueiredo, a empresa R. Wanderley anunciou a realização de sessões de cinema, contínuas e gratuitas, no Teatro Santa Rosa, a partir das 18 horas. No mesmo dia chegou a João Pessoa, procedente de Recife, uma “embaixada artística”, liderada pelo maestro Nelson



Ferreira, dando início a um intercâmbio cultural entre os dois Estados. No dia 25 de janeiro de 1937, *A União* circulou com 11 “secções”, e cadernos com 8 páginas, cada.

Na solenidade de inauguração da emissora, o Governador esteve acompanhado de todo seu secretariado. Foi recebido na entrada da Fazenda São Rafael pelos técnicos da firma Byington & Cia. que montaram o transmissor,⁵ e depois de percorrer as instalações, declarou-se satisfeito com os trabalhos executados. Em seguida o engenheiro Jeronimo Duarte Rodrigues, da Byington & Cia., entregou oficialmente a Rádio ao chefe do governo. À noite, direto do estúdio localizado num dos salões da Imprensa Oficial, prestou contas de sua administração e às 20h 30min foi irradiada audição da orquestra de estúdio da emissora, regida pelo maestro Olegário de Luna Freire. Ao lado de Oliver von Shosten, Luna Freire encontrava-se também à frente da recém-criada *Jazz Tabajara*, orquestra que realizou seu primeiro ensaio no dia 23 de janeiro de 1937, nos salões do Clube Astreia, e visava ao carnaval daquele ano.

Uma nota publicada no *Correio de Minas*, em Juiz de Fora, no dia da inauguração da Rádio Difusora, sugere o papel político-ideológico que exercerá o rádio na sociedade brasileira a partir do instante em que o Estado tomar posse das ondas hertzianas:

A publicidade é um dos imperativos cathegoricos da vida contemporânea. Não há, no momento, actividade que possa dispensal-a [...] Seguindo esses rumos, acaba o governo da Parahyba de iniciar a sua publicidade oficial. Começou pelo radio, instalando possante estação cujos programas são elaborados por uma pleiade de intelectuaes. Secunda o radio a publicidade educativa pelos suplementos da A União, folha oficial do Estado. [...] Fixemos mais este exemplo que nos chega da Parahyba.

Após sua inauguração, a Rádio Difusora da Paraíba manteve no ar uma programação experimental, funcionando das 18 às 22h 30min, de segunda a sábado; aos domingos ia ao ar apenas das 11 às 13 horas. Nesta fase inicial, havia poucos aparelhos receptores na cidade, apenas 10, quase todos de marca holandesa. Francisco Vergara, representante da firma Byington & Cia., promoveu na sede do Sindicato dos Comercíarios, na Rua Duque de Caixas, às 20 horas do dia 30 de janeiro de 1937, a retransmissão do jogo entre Brasil e Alemanha, realizado no Rio de Janeiro. A recepção só foi possível com a instalação de um possante aparelho marca *Cruzeiro*, fabricado pela firma Byington.

⁵ O transmissor tinha potência de 10 quilowatts e se encontrava montado em quatro cabines de aço com portas que, ao serem abertas, desligavam a alta tensão do sistema. Tinha seis estágios de radiofrequência e empregava 27 válvulas, das quais as duas últimas eram refrigeradas a água. Um cabo telefônico fazia o enlace estúdio-transmissor. Para fazer funcionar o transmissor, foi preciso instalar uma rede especial de energia do centro da capital até Buraquinho, onde se encontrava a Fazenda São Rafael.

Apesar do aparato publicitário oficial no dia da inauguração, a estação não se encontrava totalmente pronta para funcionar. A pressa em colocar a rádio no ar por parte do governo deveu-se à proximidade do aniversário da gestão Argemiro de Figueiredo, e por isso as instalações da Difusora não preenchiam, ainda, os requisitos técnicos que permitissem aos ouvintes uma boa recepção. *A União* (4 fev. 1937, p.8) noticiou:

Aviso aos radio-ouvintes – O Departamento Oficial de Propaganda e Estatística comunica que a PRI-4 (Radio Difusora da Parahyba) está irradiando em experiência, em virtude de ser necessário um período de 20 a 30 dias, para que a nova emissora esteja com as suas instalações totalmente concluídas e com a sua alta potência atingida, uma vez que a nossa Estação de Radio está funcionando actualmente, somente com um quinto da força que deverá ter. O studio da PRI-4 [...] ainda não está, também, com as suas instalações ultimadas, o que se realizará em breves dias além de ser necessário, para sua maior eficiência, de um cabo de ligação para a Estação de Radio, localizada na Fazenda S.Rafael, já encomendado no sul do país, sendo utilizado fio de ligação provisório, sem a eficiência que deveria ter. Assim, diante das razões de ordem técnica o Departamento Oficial de Propaganda e Publicidade do Estado, faz ver aos radio-ouvintes, que os defeitos naturalmente observados na captação das nossas irradiações, serão corrigidos com a continuidade das experiências e conclusão da aparelhagem necessária ao pleno funcionamento e inauguração oficial da emissora do Estado.

Dentro de pouco tempo já começavam a sair do anonimato os artistas que iriam se destacar no cenário radiofônico nacional. Um deles, o maestro Severino Araújo, mereceu o seguinte destaque na *Vida Radiophonica* (*A União*, 20 mar. 1937, p.3):

Vamos iniciar esta seção destacando a atuação eficiente de Severino Araújo, no studio da PRI-4. É um cabôclo bom no clarinêto. Possui uns dedos inquietos e agilíssimos. Parecem vibrar impulsionados por alguma corrente elétrica. Se, pelo receptor, notamos essa excelente agilidade, dentro do studio, observando-o de perto, nós ficamos surpreendidos com os seus movimentos. Os dedos de Severino Araújo, no clarinêto, descrevem verdadeiras expirações que divertem e entusiasma[m].[...] Mas, não é somente no clarinêto que ele faz prodígios. No saxofone, também é bamba. Hontem, ele pôs em funcionamento os dois, em quartos de hora distintos. Chôro, frevo, o diabo, mesmo.

Em 15 de abril de 1937, foi autorizada a mudança de nome da emissora que, em homenagem aos primitivos habitantes da Paraíba, os índios Tabajaras, passou a chamar-se *Radio Tabajaras da Parahyba*; por questões de publicidade, o nome seria alterado depois para Tabajara. *A União* (16 abr. 1937, p. 2) comentaria que “É uma justa homenagem que se presta à grande tribo Tabajara, que comandada pelo valente cacique Pyragibe, nos primórdios da civilização brasileira, teve uma influência notável e digna de homenagens do espírito moderno que orienta a formação intelectual do Brasil”.

Em dezembro de 1937, Argemiro de Figueiredo assinou ato transformando o Departamento Oficial de Propaganda e Publicidade em Departamento de Estatística e



Publicidade e vinculando a Rádio Tabajara ao Departamento, o qual passou a contar com três setores: estatística, propaganda e radiodifusão. O diretor do Departamento durante muito tempo foi o educador José Baptista de Mello. Argemiro anunciou que as mudanças iriam beneficiar o setor de rádio, principalmente a sua parte técnico-artística, que passaria por grandes reformas. A promessa materializou-se na construção de dois prédios que abrigavam os estúdios, na Avenida Rodrigues de Aquino, antiga Rua da Palmeira e os transmissores, no final da Avenida Pedro II, na Mata de Buraquinho.

A emissora continuou instalada no prédio da Imprensa Oficial, na Praça João Pessoa, até a conclusão das obras dos edifícios. O edifício central concebido para abrigar a Rádio Tabajara foi obra do engenheiro-arquiteto Clodoaldo Gouveia e encontrava-se entre os cinco primeiros projetos a serem executados no país destinados exclusivamente para emissoras de Rádio (Nacional do Rio de Janeiro, Cultura de São Paulo, Farrouilha de Porto Alegre, Clube de Pernambuco e Tabajara).

Para a elaboração do projeto foram convidados pelo governo do Estado engenheiros alemães que prestaram assessoria aos técnicos brasileiros na construção do edifício. No final da década de 70, a Rádio Tabajara mudou-se para instalações provisórias na Avenida João Machado. Na mudança, uma parte do acervo de milhares de discos em 78 rotações quebrou-se ou perdeu-se e ninguém dá conta do restante dos discos. O antigo edifício da Rua Rodrigues de Aquino, conhecido como *Palácio do Rádio*, apesar de tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, foi demolido para dar lugar ao Fórum da Capital. Em 1985 a emissora oficial passou a ocupar as novas instalações construídas em ampla área na Mata de Buraquinho, antiga sede dos transmissores onde ficava a Fazenda São Rafael.

Poucas vozes se levantaram contra a demolição do antigo prédio da Rua Rodrigues de Aquino. O professor e cineasta Linduarte Noronha (1987, p. 29), que já foi diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP - e diretor da Rádio Tabajara entre 1971 e 1974 foi uma dessas vozes:

A história da Rádio Tabajara é muito parecida com a de **A União**: foram ambas destruídas espiritualmente. Arrancadas suas raízes num Estado que aprendeu a não respeitar suas origens, seus bens culturais. Uma chamada “elite” que entende ser preciso destruir para progredir parece ser dona desta filosofia de final de século. Os alicerces profundos da Tabajara implantados por Argemiro de Figueiredo, em 1937, não mais existem. As duas unidades [estúdios e transmissores], símbolos de uma época do surgimento da informação eletrônica, de inestimáveis valores arquitetônicos [...] foram decapitados com extrema violência [...] A história da Rádio Tabajara tem um dia de ser escrita. As pesquisas ainda não foram feitas. Seus fundadores estão esquecidos. Sua memória ignorada pelas gerações de hoje.



Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a Rádio Tabajara programou a transmissão dos boletins noticiosos da BBC de Londres informando o andamento do conflito na Europa. O diretor da emissora passou a escrever crônicas sobre o conflito, que eram enviadas e irradiadas em Londres em troca de dois mil réis mensais, dinheiro considerado uma fortuna na época, e que ia direto para o caixa da rádio. Essa articulação resultou em que o ouvinte fosse mais bem informado sobre a movimentação na frente de batalha. Nas mesas dos bares as pessoas acompanhavam a BBC com ares de quem conspira, escutando as transmissões que a emissora fazia para o Brasil pela Rádio Tabajara. Segundo Egypto (1987, p. 23)

A dificuldade inicial do ouvinte era motivada pelo fato de haver poucos aparelhos receptores na cidade. Em Cruz das Armas [bairro de João Pessoa], por exemplo, três ou quatro comerciantes possuíam seus Philips (holandês ou matador)[denominações populares que eram dadas aos receptores] e Pilot. A massa se comprimia nas calçadas dos ricos para ouvir, por obséquio, as transmissões de jogos ou noticiários da II Guerra Mundial, através das rádios Nacional, do Rio de Janeiro, da Rádio Clube de Pernambuco e da Rádio Tabajara da Paraíba. Nas recepções externas, os rádios davam tantas descargas que os poucos e vaidosos donos faziam média junto aos ouvintes: “essa zoada é o som das metralhadoras, em campo de guerra, diretamente da Alemanha”. E alguns incautos engoliam a fanfarronice.

Enquanto isso, os jornais noticiavam a captura da cidade de Bayeux, a seis milhas para o interior e 18 a noroeste da estrada de rodagem para Caen, na França. Em tempo de paz, Bayeux tinha mais de 6.000 habitantes, sendo famosa pelas suas tapeçarias [em quadrinhos] que mostravam cenas da conquista da Inglaterra por Guilherme, o Conquistador. Os Diários Associados promoveram campanha para dar o nome de **Bayeux** a uma cidade brasileira. A escolha caiu na cidade paraibana de Barreira que, situada entre a capital e a cidade de Santa Rita, faz parte, atualmente, da Região Metropolitana de João Pessoa.

A Rádio Tabajara imperou absoluta de 1937 a 1950, fazendo com que a sua história se confundisse com a história do rádio paraibano. O seu desenvolvimento ocorreu graças ao incentivo à comercialização de receptores pelo comércio paraibano, permitindo que um grande número de pessoas tivesse acesso aos aparelhos devido às facilidades de crédito. O aumento do número de ouvintes desenvolveu o setor da publicidade; o comércio agora fazia fila para anunciar na emissora oficial. Sua programação era marcada pela presença constante de artistas locais. Os programas de auditório caíram no gosto do público que lotava o auditório da Rua Rodrigues de Aquino para assistir aos artistas preferidos. O auditório passou a ser usado em palestras, encontros, apresentações teatrais reuniões e até um cineclube funcionou na década de



60. Essas promoções ajudaram a divulgar o nome da emissora no meio artístico-cultural do Estado. Vale destacar ainda que a emissora oficial, nas décadas de 1950 e 1960, recebia grande número de correspondências do exterior, com destaque para ouvintes dos países nórdicos (Suécia, Dinamarca e Finlândia). As cartas continham relatórios de recepção confirmando hora e nome do programa captado.

O apogeu da Era de Ouro do Rádio, na Paraíba, ocorreu no decênio de 40, primazia que permanecerá até por volta dos anos 60. A partir de 1968 foram extintos os programas de auditório, a Orquestra Tabajara e o Conjunto Regional; músicos e cantores foram removidos para outras repartições públicas. Os mais antigos, que eventualmente permaneceram no quadro da emissora oficial, muitas vezes entrariam em choque com alguns diretores. Os anos de ouro acabaram como também terminou o radioespétaculo, que já não rende mais dinheiro. Na Paraíba, com o início das transmissões de televisão em Campina Grande e instalação de uma repetidora da TV Globo de Recife, o rádio começou a perder seus espaços no que diz respeito a publicidade e audiência e teve de buscar novos caminhos. Não perdia apenas fatias do bolo publicitário, mas também seus profissionais.

2. Novidades no ar paraibano

Havia no Ponto de Cem Réis, centro da capital, um serviço de alto-falantes instalado no sótão de um antigo prédio onde funcionava o Café Santa Rosa, pertencente a Genival Macedo, autor do hino popular de João Pessoa *Meu Sublime Torrão*. Macedo denominou o empreendimento de *Serviço de Alto-Falantes Arapuan* e foi tocando seu negócio conseguindo sobreviver a custa do comércio, porém depois de certo tempo colocou-o a venda. Orlando de Vasconcelos, locutor e cantor, e também um dos diretores da Rádio Tabajara, adquiriu o serviço de alto-falantes e reorganizou-o à sua maneira, promovendo alterações técnicas que proporcionaram melhor qualidade de som.

Como era bem relacionado no comércio, não teve dificuldade em fazer prosperar o serviço, que chegou a possuir uma boa discoteca e muitos anunciantes. Ambicionando horizontes maiores para o seu empreendimento radiofônico e contando com a ajuda do radiotécnico José de Oliveira nas horas vagas depois do seu expediente na Rádio Tabajara, Orlando de Vasconcelos construiu um pequeno transmissor com a finalidade de irradiar programas artísticos e comícios políticos programados para o Ponto de Cem Réis.



O primeiro desses comícios realizou-se no lançamento da candidatura a senador de Pereira Lyra, Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Para isso, foi armado um palanque em frente ao cine Plaza, no Ponto de Cem Réis. Mesmo receoso de uma punição porque não tinha licença do governo para utilizar frequência do espectro eletromagnético, Orlando instalou uma linha telefônica entre o serviço de alto-falantes e o cine Plaza e transmitiu o comício. Em depoimento a Santos (1977, p. 56) ele conta que, no dia seguinte à transmissão foi procurado por um senhor chamado Teófilo de Vasconcelos: “Quando o homem chegou e me disse que vinha em nome do Ministro Pereira Lyra, eu disse comigo mesmo: estou frito. Então foi quando ele me perguntou se eu não queria transformar o meu Serviço de Alto-Falantes em uma radiodifusora. Cai das nuvens”.

No dia 16 de agosto de 1950, às 20 horas, realizou-se a inauguração da Rádio Arapuan⁶, com estúdios, auditório, palco e escritórios localizados na Avenida Guedes Pereira. Seus transmissores eram da marca Byington, com potência de um quilowatt, na frequência de 1.270 quilociclos. Estiveram presentes o Governador José Targino, o Ministro José Pereira Lyra, o Arcebispo Dom Moisés Coelho e outras figuras políticas da época. No encerramento dos discursos que se congratulavam com a direção da nova emissora e com os paraibanos pelo novo veículo de comunicação, foi lida saudação do Presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra. Era a quarta emissora de rádio do Estado e segunda da capital; em janeiro daquele ano foi inaugurada em Campina Grande a Rádio Borborema, pertencente à rede dos Diários Associados, e no dia 1º de agosto entrava no ar a Rádio Espinharas de Patos, primeira emissora do sertão paraibano, cujo proprietário era o Ministro Pereira Lyra.

Ainda naquele início de década, depois de inaugurada em Campina Grande a Rádio Caturité, formou-se a Rede de Emissoras Paraibanas, composta pelas Rádios Arapuan, Caturité e Espinharas. A finalidade da rede era participar ativamente da campanha para senador do Ministro Pereira Lyra. Derrotado nas eleições de 1952, Pereira Lyra entregou a Rádio Espinharas de Patos ao grupo Byington, de quem havia adquirido os equipamentos e não pagara. Durante dois anos o grupo esteve à frente da Rádio Espinharas, quando decidiu fechá-la por razões econômicas. Quatro anos mais tarde, Drault Ernani de Melo e Silva comprou as Rádios Espinharas, Caturité e Arapuan

⁶ O nome da emissora vem do tupi *arapúá* (ou *irapuan* ou *arapũã*), abelha, inseto que trabalha em equipe.



para fazer política, elegendo-se Deputado Federal. Em 1962 não elegeu-se para o Senado e vendeu a Caturité e a Espinharas para o Movimento de Educação de Base, que as entregou às Dioceses de Campina Grande e Patos, respectivamente. A Rádio Arapuan foi adquirida pelo grupo do usineiro Renato Ribeiro Coutinho (que tinha o título de Comendador). Atualmente, a Fundação Cultural Nossa Senhora da Guia é a proprietária da Rádio Espinharas de Patos, cujo presidente é D. Gerardo de Andrade Ponte. Na cidade operam ainda as Rádios Panati AM e FM, de propriedade do Deputado Múcio Sátiro, e Itatiunga AM e FM, da Deputada Francisca Mota.

Depoimento do Radialista Edileuson Franco, de Patos, conta mais acerca da Rádio Espinharas (Depoimento ao autor - 1997):

Ela teve uma fase muito difícil quando pertencia ao grupo político da Rede Paraibana de Emissoras. Esteve um tempo fora do ar quando o patrão perdeu a eleição para senador. Ele não pagou à firma Byington. Então a diocese, através do Movimento de Educação de Base, recebeu esta estação praticamente de graça. Ela já estava quase vendida ao movimento Cadeia da Legalidade, em 63, no tempo de Leonel Brizola. A Arapuan, a Espinharas e a Caturité formavam a Rede. [...] O forte hoje da Espinharas é o jornalismo e o esporte, de maneira que a gente tem como concorrer com as emissoras FMs da cidade. A gente perde em alguns musicais, programas de disc-jockeys, mas na notícia a gente ganha disparado [...] Não temos restrições a tipos de músicas. No passado já houve. [...] Aqui é uma rádio independente. Tanto é que a maioria dos programas políticos [durante o horário gratuito das eleições] são gerados aqui na Rádio Espinharas. [...] Nós perdemos duas concessões de FM, uma para o grupo Ernani Sátiro [ex-governador, já falecido], da Panati, e perdemos outra para o grupo do deputado Edvaldo Mota.

Na década de 50 o rádio da Paraíba já era notícia em revistas nacionais como *Radiolândia* que informava (17 jul. 1954, p. 8): “Numa teatralização de Fernando Silveira, a Rádio Borborema [de Campina Grande] está irradiando, com agrado geral, às segundas, quartas e sextas-feiras, no horário das 20 e cinco, a imortal obra de Alexandre Dumas *O Conde de Monte Cristo*”. A Rádio Borborema seria notícia novamente por ocasião do seu aniversário, no ano seguinte (*Radiolândia*, 5 fev. 1955, p.4), através da coluna de Genildon Gomes: “Das caravelas de Cabral às turbinas de Paulo Afonso, eis o título geral da gigantesca programação que assinala o quinto aniversário da Rádio Borborema de Campina Grande, no dia 8 de dezembro pp”.

Depois da entrada de outras emissoras no ar, deslocou-se o eixo da audiência para a Rádio Arapuan, marcando também o início do declínio da Rádio Tabajara e coincidindo com a exibição nos cinemas de João Pessoa das chanchadas, os populares filmes onde se apresentavam além de Oscarito e Grande Otelo, os números musicais de artistas que eram sucesso no Rádio. Apesar disso, a Rádio Arapuan ainda deixava a



desejar quanto à sua programação de auditório, a julgar pela nota na revista *Radiolândia* (31 jul. 1954, p. 4): “A Rádio Arapuan continua sem programação de auditório. Apenas gravações, gravações e gravações”.

No dia 31 de maio de 1964 foi inaugurada a Difusora Rádio Cajazeiras, no sertão paraibano. A Diocese de Cajazeiras inaugurou sua emissora de Rádio em 1º de julho de 1966, a Rádio Alto Piranhas; ainda em Cajazeiras, foi inaugurada em 1978 a primeira estação em FM do Estado, a Rádio Patamuté. Em 21 de dezembro de 1967 foi inaugurada a Rádio Correio da Paraíba, de propriedade do Deputado Federal Teotônio Neto. A primeira FM da capital entrou no ar em 1979, a Rádio Arapuan FM.

3. Situação hoje

O quadro de emissoras de radiodifusão do Estado da Paraíba atualmente é esse:

Nome	Frequência	Prefixo
96 FM	96.1 MHZ	
98 FM	98.3 MHZ	ZYC 978
Consolação Misericordiosa (antiga Rádio Arapuan)	1340 KHZ	ZYI 671
Arapuan FM	95.3 MHZ	ZYC 973
Cabo Branco FM	91.5 MHZ	ZYC 990
CBN	1230 KHZ	
Maná (antiga Cidade Verde)	920 KHZ	ZYI 697
Clube FM	103.3 MHZ	ZYC 982
101 FM (antiga Jovem Pan FM)	101.7 MHZ	
Liberdade FM de Santa Rita	99.7 MHZ	ZYC 986
Miramar FM	107.7 MHZ	ZYC 975
Mix FM	93.7 MHZ	ZYC 972
Sanhauá	1280 KHZ	ZYI 688
Sucesso FM	92.9 MHZ	
Tabajara AM	1110 KHZ	PRI 4
Tabajara FM	105.5 MHZ	ZYC 996
Tambaú FM	102.5 MHZ	

O site <http://www.radios.com.br> divulgou pesquisa dando conta do ranking de audiência das emissoras de João Pessoa acessadas na internet em janeiro de 2010⁷: Rádio Sucesso 92.9 com 1.473 cliques; Rádio Tabajara 1110 AM com 1.041 cliques; Rádio Mix 93.7 FM, 984 cliques; Rádio Tambaú 102.5 FM com 954 cliques; Rádio Tabajara 105.5 FM com 884 cliques; Rádio Cabo Branco 91.5 FM, 647 cliques; Rádio CBN 1230 AM, 534 cliques; Rádio 98 FM com 525 cliques; Rádio Arapuan 95.3 FM,

⁷Disponível em http://www.radios.com.br/estatisticas/a_jan10uf.htm. Acesso em 17/02/2010.



490 cliques; Rádio Miramar 107.7 FM com 282 cliques; Rádio 101 FM, 245 cliques e Rádio Clube 103.3 FM com 232 cliques.

4. Referências

CARNEIRO, Josélio. **Tabajara 69 anos: A Rádio da Paraíba**. João Pessoa: A União Editora, 2002.

EGYPTO, Ednaldo do. PRI-4: mão forte ao teatro paraibano. In: MELLO, José Octávio de Arruda & VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos: 1937-1987**. João Pessoa: A União Editora, 1987.

Jornal *A União*. Edições 29/01/1934, 30/05/1935, 18/06/1935, 17/01/1937, 04/02/1937, 20/03/1937, 16/04/1937.

NASCIMENTO, Pereira. **História da Radiodifusão na Paraíba**. João Pessoa: Editora Persona Ltda, 2003.

NORONHA, Linduarte. Rádio Tabajara – in memoriam. In: MELLO, José Octávio de Arruda & VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos: 1937-1987**. João Pessoa: A União Editora, 1987.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Summus, 1985.

Revista *Radiolândia*. Edições 17/09/1954; 31/09/1954; 05/02/1955.

SANTOS, Hayton. **O Rádio paraibano em álbum de recordações: 1932-1960**. João Pessoa: A União Editora, 1977.

SOUA, Moacir Barbosa de. **Do Gramofone ao Satélite – evolução do rádio paraibano**. João Pessoa: Editora UFPB, 2005.